Português

Redação - Redação – Dissertação - [Médio]

01 - (UEPB)

Seguem abaixo alguns trechos de uma matéria da Época, de 03 de abril de 2006, que trata da contribuição da "grafologia" no processo de contratação de empregados:

I. "Se, numa próxima seleção de emprego, pedirem-lhe para fazer uma redação de 20 linhas numa folha de papel sem pauta, fique certo de que pouco importa o que você pensa sobre o assunto escolhido..."

II. "A empresa quer mesmo saber é se os traços de sua personalidade se encaixam no perfil da vaga que está oferecendo".

III. " 'Em apenas poucas linhas é possível avaliar se o candidato tem competências como capacidade de gestão ou tendência à liderança', afirma o grafólogo Alberto Swartzman".

IV. "Os especialistas afirmam que é impossível enganar o avaliador. 'Por mais que treine, em algum momento a pessoa se trai', afirma Luísa Medeiros, da Sociedade Brasileira de Grafologia".

V. "Mais: Veja se o texto está bem distribuído na folha ..."

Analise as informações abaixo e, em seguida, assinale com V as verdadeiras e com F as falsas.

( ) No período I, o verbo FICAR, por estar no imperativo, indica ordem.

( ) A função sintática desempenhada pelo primeiro SE do período II difere da função exercida por essa partícula nos períodos III e V.

( ) A partícula SE desempenha igual função sintática nos períodos I e IV.

( ) No período II, o emprego de "mesmo" e "é" tem o propósito de enfatizar uma informação.

( ) No período IV, o depoimento da especialista sinalizado pelas aspas atribui veracidade à informação e se constitui como argumento de autoridade.

A seqüência correta é:

a) F, F, V, V, V.

b) V, F, V, V, F.

c) V, V, F, F, V.

d) F, F, F, V, V.

e) F, V, V, F, F.

02 - (ENEM)

Extra, extra. Este macaco é humano.

Não somos tão especiais

Todas as características tidas como exclusivas dos humanos são compartilhadas por outros animais, ainda que em menor grau..

INTELIGÊNCIA

A ideia de que somos os únicos animais racionais tem sido destruída desde os anos 40. A maioria das aves e mamíferos tem algum tipo de raciocínio.

AMOR

O amor, tido como o mais elevado dos sentimentos, é parecido em várias espécies, como os corvos, que também criam laços duradouros, se preocupam com o ente querido e ficam de luto depois de sua morte.

CONSCIÊNCIA

Chimpanzés se reconhecem no espelho. Orangotangos observam e enganam humanos distraídos. Sinais de que sabem quem são e se distinguem dos outros. Ou seja, são conscientes.

CULTURA

O primatologista Frans de Waal juntou vários exemplos de cetáceos e primatas que são capazes de aprender novos hábitos e de transmiti-los para as gerações seguintes. O que é cultura se não isso?

BURGIERMAN, D. **Superinteressante**, n.° 190, jul. 2003.

O título do texto traz o ponto de vista do autor sobre a suposta supremacia dos humanos em relação aos outros animais. As estratégias argumentativas utilizadas para sustentar esse ponto de vista são

a) definição e hierarquia.

b) exemplificação e comparação.

c) causa e consequência.

d) finalidade e meios.

e) autoridade e modelo.

03 - (ENEM)

Lugar de mulher também é na oficina. Pelo menos nas oficinas dos cursos da área automotiva fornecidos pela Prefeitura, a presença feminina tem aumentado ano a ano. De cinco mulheres matriculadas em 2005, a quantidade saltou para 79 alunas inscritas neste ano nos cursos de

mecânica automotiva, eletricidade veicular, injeção eletrônica, repintura e funilaria. A presença feminina nos cursos automotivos da Prefeitura – que são gratuitos cresceu 1.480% nos últimos sete anos e tem aumentado ano a ano.

Disponível em: www.correiodeuberlandia.com.br. Acesso em: 27 fev. 2012 (adaptado).

Na produção de um texto, são feitas escolhas referentes a sua estrutura, que possibilitam inferir o objetivo do autor. Nesse sentido, no trecho apresentado, o enunciado “Lugar de mulher também é na oficina” corrobora o objetivo textual de

a) demonstrar que a situação das mulheres mudou na sociedade contemporânea.

b) defender a participação da mulher na sociedade atual.

c) comparar esse enunciado com outro: “lugar de mulher é na cozinha”.

d) criticar a presença de mulheres nas oficinas dos cursos da área automotiva.

e) distorcer o sentido da frase “lugar de mulher é na cozinha”.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 4

Canção e calendário

Sol de montanha

Sol esquivo de montanha

Felicidade

Teu nome é

Maria Antonieta d'Alkmin

No fundo do poço

No cimo do monte

No poço sem fundo

Na ponte quebrada

No rego da fonte

Na ponta da lança

No monte profundo

Nevada

Entre os crimes contra mim

Maria Antonieta d'Alkmin

Felicidade forjada nas trevas

Entre os crimes contra mim

Sol de montanha

Maria Antonieta d'Alkmin

Não quero mais as moreninhas de Macedo

Não quero mais as namoradas

Do senhor poeta

Alberto d'Oliveira

Quero você

Não quero mais

Crucificadas em meus cabelos

Quero você

Não quero mais

A inglesa Elena

Não quero mais

A irmã da Nena

Não quero mais

A bela Elena

Anabela

Ana Bolena

Quero você

Toma conta do céu

Toma conta da terra

Toma conta do mar

Toma conta de mim

Maria Antonieta d'Alkmin

E se ele vier

Defenderei

E se ela vier

Defenderei

E se eles vierem

Defenderei

E se elas vierem todas

Numa guirlanda de flechas

Defenderei

Defenderei

Defenderei

Cais de minha vida

Partida sete vezes

Cais de minha vida quebrada

Nas prisões

Suada nas ruas

Modelada

Na aurora indecisa dos hospitais

Bonançosa bonança.

(Oswald de Andrade. "Cântico dos Cânticos para flauta e violão".)

04 - (UNIRIO RJ)

A incidência de vários vocativos e o uso do pronome de tratamento caracterizam:

a) interlocução.

b) função emotiva.

c) discurso direto.

d) função poética.

e) metalinguagem.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 5

Na sociedade neoliberal, cresce a produção de bens supérfluos, oferecidos como mercadorias indispensáveis. O consumidor, massacrado pela publicidade, acaba se convencendo de que a saúde de seu cabelo depende de uma determinada marca de xampu. Melhor cortar a cabeça do que viver sem o tal produto...

Para o neoliberalismo, o que importa não é o progresso, mas o mercado; não é a qualidade do produto, mas seu alcance publicitário; não é o valor de uso de uma mercadoria, mas o fetiche que a reveste.

Compra-se um produto pela aura que o envolve. A grife da mercadoria promove o status do usuário. Exemplo: Se chego de ônibus à casa de um estranho e você desembarca de um BMW, acredita que seremos encarados do mesmo modo?

Para o neoliberalismo, não é o ser humano que imprime valor à mercadoria; ao contrário, a grife da roupa "promove" socialmente seu usuário, assim como um carro de luxo serve de nicho à exaltação de seu dono, que passa a ser visto pelos bens que envolvem sua pessoa.

Em si, a pessoa parece não ter nenhum valor à luz da ótica neoliberal. Por isso, quem não possui bens é desprezado e excluído. Quem os possui é invejado, cortejado e festejado. A pessoa passa a ser vista (e valorizada) pelos bens que ostenta.

O mercado é como Deus: invisível, onipotente, onisciente e, agora, com o fim do bloco soviético, onipresente. Dele depende nossa salvação. Damos mais ouvidos aos profetas do mercado – os indicadores financeiros – que à palavra das Escrituras.

Idolatrias à parte, o mercado é seletivo. Não é uma feira livre, cujos produtos carecem de controle de qualidade e garantia. É como shopping center, onde só entra quem tem (ou aparenta ter) poder aquisitivo.

O mercado é global. Abarca os milhardários de Boston e os zulus da África, os vinhos da mesa do Papa e as peles de ovelha que agasalham os monges do Tibete. Tudo se compra, tudo se vende: alfinetes e afetos; televisores e valores; deputados e pastores. Para o mercado, honra é uma questão de preço.

Fora do mercado, não há salvação – é o dogma do neoliberalismo. Ai de quem não acreditar e ousar pensar diferente! No mercado, ninguém tem valor por ser alguém. O valor é proporcional à posição no mercado. Quem vende ocupa maior hierarquia do que quem compra. E quem comanda o mercado controla os dois.

O mercado tem suas sofisticações. Não fica bem dizer "tudo é uma questão de mercado". Melhor o anglicismo marketing. É uma questão de marketing o tema da telenovela, o sorriso do

apresentador de TV, o visual do candidato e até o anúncio do suculento produto que prepara o colesterol para as olimpíadas do infarto. Vende-se até a imagem primeiro-mundista de um país atulhado de indigentes perambulando pelos sertões à cata de terra para plantar.

Outrora, olhava-se pela janela para saber como andava o tempo. Hoje, [45]liga-se o rádio e a TV para saber como se comporta o mercado. É ele que traz verão ou inverno às nossas vidas. Seus arautos merecem mais espaço que os meteorologistas. Dele dependem importações e exportações, inversões e fugas de capitais, contratos e fraudes.

É no mínimo preocupante constatar como, hoje, se enche a boca para [50]falar de livre mercado e competitividade, e se esvazia o coração de solidariedade. Se continuar assim, só restarão os valores da bolsa. E em que mercado comprar nossas mais profundas aspirações: amor e comunhão, felicidade e paz?

O mercado desempenha, pois, função religiosa. Ergue-se como novo [55]sujeito absoluto, legitimado por sua perversa lógica de expansão das mercadorias, concentração da riqueza e exclusão dos desfavorecidos. Já reparou como os comentaristas da TV se referem ao mercado? "Hoje o mercado reagiu às últimas declarações do líder da oposição". Ou: "O mercado retraiu-se diante da greve dos trabalhadores".

[60]Parece que o mercado é um elegante e poderoso senhor que habita o alto de um castelo e, de lá, observa o que acontece aqui embaixo. Quando se irrita, pega o celular e liga para o Banco Central. Seu mau humor faz baixar os índices da Bolsa de Valores ou subir a cotação do dólar. Quando está de bom humor, faz subir os índices de valorização das aplicações financeiras.

BETTO, Frei. Estado de Minas, Belo Horizonte, 8 jun. 2006. Caderno Cultura, p. 10.

(Texto adaptado)

05 - (UFMG)

"**Idolatrias à parte**, o mercado é seletivo." (linha 25)

É CORRETO afirmar que a expressão destacada, nessa frase, é usada para

a) anunciar que a idolatria será abordada depois.

b) criticar a postura dos profetas do mercado.

c) desvincular o mercado da idéia de crença religiosa.

d) mudar o foco argumentativo do texto.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 6

Osso duro de roer

Jerônimo Teixeira

Tropa de Elite é um retrato da guerra

urbana brasileira, vista da perspectiva

de um dos lados combatentes: os policiais

[1]O tiroteio crítico é quase tão intenso quanto os choques entre policiais e bandidos na tela. Tropa de Elite (Brasil1, [2]2007) só entrou em cartaz na sexta-feira no Rio e em São Paulo (a exibição no resto do país começa no dia 12), mas há [3]tempos é um filme discutido, e também um dos mais vistos no país: pelo menos 1 milhão de DVDs piratas foram vendidos [4]desde agosto. Depois de sua exibição no Festival do Rio, no mês passado, a patrulha ideológica abriu fogo: o filme do [5]diretor José Padilha foi acusado de aceitar a tortura (veja quadro na coletânea da prova de redação) e criminalizar o usuário [6]de drogas. A indefectível pecha de "fascista" também foi levantada. Tudo bala perdida: Tropa de Elite não é nada disso. Só é [7]um retrato desassombrado da violência urbana brasileira (ou, mais especificamente, carioca), do ponto de vista dos policiais [8]que matam e morrem na guerrilha das favelas – de certa forma, é uma perspectiva complementar à de Cidade de Deus, que [9]apresentava a mesma tragédia pelo lado de favelados e traficantes. Protagonista e narrador do filme, o capitão Nascimento, [10]interpretado com uma convicção assustadora por Wagner Moura, espanca drogados, aterroriza moradores inocentes, [11]tortura a mulher de um bandido e executa traficantes. Ele expõe suas razões com uma sinceridade fria. Tropa de Elite [12]apresenta o ponto de vista de Nascimento, mas não o referenda. É um filme incômodo, o que talvez seja seu maior mérito.

[13]A tropa de elite referida no título é o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro, o Bope. [14]Treinados para a guerrilha urbana, seus membros só entram em ação em situações excepcionais, no combate em favelas. "O [15]Bope é uma espécie de aerossol da criminalidade. Quando as moscas se acumulam, você passa o inseticida e elas morrem – [16]mas logo vêm outras. Da mesma forma, o Bope entra na favela, mata uns marginais, mas logo aparecem outros", diz José [17]Vicente de Silva Filho, ex-secretário nacional de Segurança Pública. O filme se passa em 1997, época em que o Bope tinha [18]pouco mais de 100 integrantes. "O PM que conseguia passar nas provas de admissão do Bope entrava para uma verdadeira [19]seita, cujos valores incluíam

a recusa de toda forma de corrupção, mas também o exercício de uma violência sem limites", explica o antropólogo Luiz Eduardo Soares, autor, ao lado dos policiais André Batista e Rodrigo Pimentel, do livro Elite da Tropa (Objetiva), que inspirou o filme. Hoje, o Bope já conta com 400 integrantes – o que representa cerca de 10% do efetivo da PM carioca – e perdeu esse caráter de seita fechada. As queixas registradas contra o batalhão na ouvidoria da Polícia Militar, porém, ainda dizem respeito quase exclusivamente a casos de violência e abuso, e não de corrupção. O Bope só participa de ações localizadas e portanto não convive com a população, o que diminui as oportunidades para pedir propinas. Seus membros também são mais bem remunerados do que o PM convencional – têm uma gratificação de 500 26 reais sobre o salário básico de 780 reais.

A história de Tropa de Elite se centra no esforço do capitão Nascimento para deixar o Bope. Ele está para ganhar um filho e não quer mais participar de ações arriscadas. Precisa encontrar alguém que o substitua na tropa. Os melhores candidatos são os novatos Neto (Caio Junqueira) e André Matias (André Ramiro, ex-bilheteiro de cinema que também é novato na carreira de ator). O Bope aparece para os dois como uma ilha de honestidade no meio da podridão da PM convencional. Cada um dos dois aspirantes tem seus méritos e limitações. Neto gosta da dureza militar, mas é impetuoso demais, a ponto de às vezes colocar os companheiros em risco desnecessário. Matias é um homem dividido. Cursa direito em uma faculdade privada e esconde dos colegas que é policial.

O núcleo dramático formado por Matias e seus colegas é um dos pontos mais polêmicos – e acertados – do filme. Os estudantes são críticos da violência policial, mas condescendentes com os bandidos de quem compram drogas. Alguns fazem trabalho voluntário em uma ONG que opera no Morro do Turano em virtual cumplicidade com o tráfico. O filme é duro na sua caricatura dos "playboyzinhos" que sustentam a bandidagem, mais duro até do que no retrato de bandidos e policiais. Estes têm clareza do papel brutal que lhes cabe na guerra das favelas. O comprador de drogas, ao contrário, vive no inferno das boas intenções: escuda-se nas "passeatas pela paz" para justificar suas contravenções hedonistas. "O usuário recreativo sabe que as drogas que ele compra vêm de grupos armados que controlam comunidades carentes. Ele faz uma escolha consciente de sustentar o crime. Não há como argumentar contra esse fato", diz Padilha.

Na exibição de Tropa de Elite no Festival do Rio de Janeiro, houve gente da platéia "torcendo" pelo Bope, com gritos de "caveira, caveira" (o logotipo do batalhão é uma caveira atravessada por um punhal). Tropa de Elite parece estar isolado entre duas formas de incompreensão: a patrulha ideológica e uma claque difusa que, revoltada ou confusa com o cerco da criminalidade, acredita que o policial "justiceiro" é a solução. Tropa de Elite, afinal, se vale de algumas convenções do filme policial americano – por exemplo, o policial que vinga a morte do parceiro –, em que justiceiros como o "Dirty" Harry de Clint Eastwood têm uma longa tradição. Mas há diferenças óbvias: nem o truculento vingador interpretado por Charles Bronson na série Desejo de Matar ameaçaria empalar com um cabo de vassoura um garoto cujo único crime foi ter aceito um par de tênis de presente dos traficantes. A torcida da caveira talvez seja mais um sintoma da crise moral e institucional que ronda a segurança pública no Brasil. Há algo de profundamente errado em uma sociedade que só aplaude sua polícia quando ela se comporta como o bandido.

(adaptado de veja – 10/10/2007)

06 - (UFPel RS)

Analisa as afirmativas abaixo.

I. O texto apresenta alguns termos empregados em sentido metafórico, os quais resgatam, com um tom irônico, o universo da criminalidade. Dentre esses termos, estão os sublinhados nas seguintes expressões: "patrulha ideológica", "retrato de bandidos e policiais" e "tiroteio crítico". O primeiro significa acompanhamento, fiscalização do comportamento de alguém; o segundo pode ser traduzido como representação; o terceiro, por fim, significa troca ininterrupta de palavras entre pessoas que discutem.

II. Nas construções nominais, encontramos expressões preposicionadas com a função de demonstrar posse ou então com a função de caracterizar um termo. Os elementos sublinhados em "o filme do diretor", "o ponto de vista de Nascimento", "provas de admissão do Bope" apresentam a primeira função; já os elementos sublinhados em "Tropa de Elite", "ilha de honestidade" e "o usuário de drogas" possuem a segunda função.

III. Há, no texto, algumas frases em que aparece o vocábulo "mais". Em "mais polêmicos" e "pouco mais de 100 integrantes", esse vocábulo tem a função de intensificar a informação dada; já em "não quer mais participar", o item "mais" introduz uma idéia de temporalidade.

IV. O emprego de certos elementos lingüísticos acaba por atenuar o comprometimento do locutor com a veracidade do que é dito. Dentre esses elementos, estão os sublinhados nas seguintes frases do texto: "Tropa de Elite parece estar isolado entre duas formas de incompreensão"; "A torcida da caveira talvez seja mais um sintoma da crise moral e institucional que ronda a segurança pública no Brasil"; "(...) nem o truculento vingador interpretado por Charles Bronson na série Desejo de Matar ameaçaria (...)"

Estão corretas as afirmativas

a) I e IV.

b) II e III.

c) I e II.

d) III e IV.

e) I e III.

TEXTO: 4 - Comum à questão: 7

Texto 1

Imigração Japonesa no Brasil

[1]A abolição da escravatura no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles [5]são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

[10]Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de "milagre [15]econômico brasileiro" dão origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas [20]melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento "dekassegui" por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que

os planos econômicos fracassavam. Parte da [25]família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”,

enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

[30]Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comercias no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

Disponível em www.culturajaponesa.com.br (texto adaptado).

Acesso em: 29 ago 2008.

Texto 2

Rio: uma cidade plural já em 1808

As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia.

SANDRA MOREYRA

Jornal O Globo- 28/11/2007

(adaptado)

[1]Uma cidade que era um grande porto, com gente de todas as colônias e feitorias portuguesas da África e da Ásia. O Rio era uma cidade quase oriental em 1808. As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. À mesa, os homens usavam a mesma faca que traziam presa à cintura, para se defender de um [5]inimigo, para descascar frutas ou partir a carne. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia. Corriam também dejetos nas ruas e valas. Negros escravos ou libertos eram dois terços da população e se vestiam ainda de acordo com sua nação de origem. Não só pelo tipo físico bem diferente, como pelas roupas, era possível saber quem vinha do Congo, de Angola ou do Mali; quem era [10]muçulmano, quem vinha da nobreza africana.

Nesta cidade, que já era plural, mas que não tinha infra-estrutura, onde havia assaltos e comércio ilegal nas ruas, chegou um aviso em janeiro de 1808. A corte estava em pleno mar, escapara de Napoleão e estava a caminho do Brasil.

O vice-rei começou a fazer os preparativos e saiu desalojando os maiores [15]comerciantes locais de suas casas, para cedê-las aos novos moradores. Eram pintadas nas portas das casas requisitadas para a Corte as iniciais "PR", de Príncipe Regente, que viraram "prédio roubado" ou "ponha-se na rua". Era o jeito que herdamos do sangue lusitano de rir de nossas próprias mazelas.

Quando as naus com a família real chegaram por aqui, em março de 1808, já [20]haviam passado pela Bahia e permanecido por um mês em Salvador.

Aqui a festa foi imensa e o relato mais divertido e detalhado é o do Padre Luis Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca. O padre que vivia no Brasil era um admirador incondicional da monarquia, dos ritos da corte, da etiqueta. Quando descobre que a Corte está chegando, fica assanhadíssimo porque vai ver de perto [25]"Sua Alteza Real D. João Nosso Senhor", como chamava o regente.

É ele quem conta que a chegada dos Bragança por aqui foi acompanhada de luzes, fogos de artifício, badalar de sinos, aplausos e cânticos. Perereca diz que parecia que o sol não havia se posto, tamanha a quantidade de tochas e velas que iluminavam as casas, o largo do Paço e as ruas do centro.

[30]O Rio tinha 46 ruas naquela época. D João se dirigiu à Sé – provisoriamente instalada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, porque a Igreja do Carmo, a Sé oficial, estava em obras. Houve uma determinação de que os homens pretos e também os mestiços não deveriam comparecer à cerimônia, na Igreja deles, porque o Príncipe poderia ficar assustado com a quantidade de negros na cidade. Eles se [35]esconderam numa esquina e quando o cortejo chegou à Igreja, entraram batucando e cantando e todos se misturaram. Assim era o Rio. Assim era o Brasil.

07 - (IME RJ)

Observe o TEXTO 1 e o que se considera sobre ele.

I. Possui caráter informativo, mantendo a objetividade.

II. O emprego dos tempos verbais contribui para valorizar o aspecto descritivo do texto.

III. Apresenta freqüentes expressões que indicam mudança temporal.

IV. Aponta o fluxo imigratório entre Brasil e Japão em ambos os sentidos.

V. Faz referência a dificuldades enfrentadas pelos japoneses em sua terra natal.

As alternativas corretas são apenas:

a) I e V.

b) I, III e IV.

c) II e III.

d) II, IV e V.

e) IV e V.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 8

A eutanásia no direito brasileiro

Luiz Flávio Borges D'Urso*

[1]O dramático e comovente desfecho da agonia e morte da norte-americana Terri Schiavo, recentemente – depois de 15 anos em estado vegetativo persistente –, reabriu as discussões planetárias sobre o polêmico tema da eutanásia. O caso conquistou repercussão sem paralelos, colocando, de um lado, os que apoiavam a [5]decisão do marido de colocar um ponto final ao drama da esposa e, do outro, os que acreditavam, como a família de Terri, na chance de uma remota recuperação. [...]

Muito praticada na antigüidade, por povos primitivos, a eutanásia até hoje encontra seus simpatizantes que, freqüentemente, têm coragem de praticá-la, mas, [10]muito raramente, de defendê-la publicamente ou apontar seus benefícios de forma a convencer a opinião pública, como aconteceu no caso Schiavo. A palavra eutanásia deriva de eu, que significa bem, e thanatos, que é morte, significando boa morte, morte doce, morte sem dor nem sofrimento. As modalidades da eutanásia são três: a libertadora, a piedosa e a morte econômica ou eugênica.

[15]Na forma libertadora, o enfermo incurável pede que se lhe abrevie a dolorosa agonia, com uma morte calma, indolor. Já na forma piedosa, o moribundo encontra-se inconsciente e, tratando-se de caso terminal que provoca sofrimento agudo, [...] seu médico ou seu familiar, movido por piedade, o liberta, provocando a antecipação de sua hora fatal. Quanto à forma eugênica, trata-se

da eliminação daqueles seres apsíquicos e associais absolutos, disgenéticos, monstros de nascimento, idiotas graves, loucos incuráveis e outros. Essa modalidade está presente na lembrança histórica das atrocidades dos nazistas, contra judeus e outras minorias, em prol da apuração da raça ariana.

A eutanásia no Brasil é crime, trata-se de homicídio doloso que, em face da motivação do agente, poderia ser alçado à condição de privilegiado, apenas com a redução da pena. Laborou com acerto o legislador penal brasileiro, não facultando a possibilidade da eutanásia. Ocorre, todavia, que na prática a situação é bem diferente, pois envolve, além do aspecto legal, o aspecto médico, sociológico, religioso, antropológico, entre outros.

Por esses problemas é que a eutanásia, embora sendo crime, é praticada impunemente no Brasil. Relatos de pessoas que aplicaram a eutanásia em parentes somam-se a relatos de médicos que a praticaram, sempre todos imbuídos do espírito da "piedade". Ora, não sejamos hipócritas, pois o que realmente leva à prática da eutanásia não é a piedade ou a compaixão, mas sim o propósito mórbido e egoístico de poupar-se ao pungente drama da dor alheia. Somente os indivíduos sujeitos a estados de extrema angústia são capazes do golpe fatal eutanásico, pois o alívio que se busca não é o do enfermo, mas sim o próprio; que ficará livre do "fardo" que se encontra obrigado a "carregar".

Isto se aplica aos familiares, amigos, médicos, advogados, sociólogos, enfim, a todos aqueles que já pensaram ou defenderam a prática desse crime hediondo, que iguala o homem moderno a seus antepassados bárbaros e primitivos. A falsidade no enfoque desse assunto salta aos olhos, quando nos deparamos a casos concretos envolvendo interesses mundanos, quer de natureza conjugal ou de sucessão patrimonial. [...]

A vida é nosso bem maior, dádiva de Deus. Não pode ser suprimida por decisão de um médico ou de um familiar, qualquer que seja a circunstância, pois o que é incurável hoje amanhã poderá não sê-lo e uma anomalia irreversível poderá ser reversível na próxima semana. Afinal, se a sociedade brasileira não aceita a pena de morte, é óbvio que esta mesma sociedade não aceita que se disponha da vida de um inocente, para poupar o sofrimento ou as despesas de seus parentes. Enquanto for crime a eutanásia, sua prática deve ser punida exemplarmente.

*Advogado criminalista, mestre e doutor pela USP, presidente da OAB–SP.

(Disponível em: <http://www.oabsp.org.br/palavra_presidente/2005/81/>. Acesso em: 21 fev. 09. Texto adaptado)

08 - (UFOP MG)

Marque a opção em que o recurso argumentativo empregado por Luiz Flávio Borges D'Urso **não** está corretamente ilustrado.

a) "O dramático e comovente desfecho da agonia e morte da norte-americana Terri Schiavo [...] reabriu as discussões planetárias sobre o polêmico tema da eutanásia." (ref. 1) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA NO EXEMPLO)

b) "Somente os indivíduos sujeitos a estados de extrema angústia são capazes do golpe fatal eutanásico, pois o alívio que se busca não é o do enfermo, mas sim o próprio." (ref. 35) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA EM PROVA CONCRETA)

c) "A vida é nosso bem maior, dádiva de Deus. Não pode ser suprimida por decisão de um médico ou de um familiar [...]." (ref. 45) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA NO CONSENSO)

d) "Afinal, se a sociedade brasileira não aceita a pena de morte, é óbvio que esta mesma sociedade não aceita que se disponha da vida de um inocente [...]." (ref. 45) (ARGUMENTAÇÃO BASEADA NO RACIOCÍNIO LÓGICO)

TEXTO: 6 - Comum à questão: 9

Baixaria sobre o aquecimento global

José Eli da Veiga e Petterson Vale

Folha de S.Paulo, 25 de setembro de 2008

Longe de ser opção apenas econômica, é eminentemente ética a necessidade de drástico direcionamento das atividades de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) para o que tem sido chamado de "energias alternativas". É pura irresponsabilidade etiquetar de desperdício o atual gasto mundial nessa área. Ao contrário, os baixíssimos investimentos em CT&I para a superação da era dos fósseis só atestam o atraso e a miopia das elites dirigentes. Mesmo os mais recalcitrantes "céticos", que insistem em negar o aquecimento global ou que ele seja provocado por atividades humanas, deveriam apoiar investimentos na busca de novas fontes energéticas. Por isso, chega a ser escandalosa a desonestidade intelectual dos que repetem como papagaios que já teriam sido gastos US$50 bilhões em tentativas de provar a influência climática das emissões antrópicas de CO_2. Quem criou a lenda dos US$ 50 bilhões foi o paleontólogo australiano Robert M. Carter, porque é contra os

esforços em CT&I focados na procura de usos mais diretos da energia solar. Prefere que se continue a esbanjar recursos fósseis e não lamenta os US$3 trilhões já queimados na Guerra do Iraque. Na contramão desse tipo de baixaria, está despontando aquilo que o jornalista Thomas L. Friedman havia apelidado de "green new deal" e agora chama de "revolução verde".

José Eli da Veiga, 60, professor titular de economia da USP, e Petterson

Vale, 25, mestrando em desenvolvimento econômico na Unicamp, são

co-autores do capítulo sobre economia e política do livro

"Aquecimento Global: Frias Contendas Científicas".(Adaptado)

09 - (PUC SP)

Mesmo os mais recalcitrantes "céticos", que insistem em negar o aquecimento global ou que ele seja provocado por atividades humanas, deveriam apoiar investimentos na busca de novas fontes energéticas. Iniciar o parágrafo com o termo grifado serve para:

a) evidenciar crítica aos que teimam em negar a problemática em torno do aquecimento global, o que é reforçado pela oração intercalada.

b) mostrar a necessidade de busca por fontes de energia alternativas, o que é descartado pela oração intercalada.

c) assinalar argumento mais forte em relação ao apoio que os céticos estão dando à causa.

d) incluir os obstinados na discussão, o que vem descartado pela oração intercalada.

e) introduzir enfaticamente crítica a quem apóia investimentos em novas fontes de energia, o que vem reforçado pela oração intercalada.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 10

Até que ponto existimos a partir do momento em que falamos?

Desde que nascemos, estamos mergulhados no mundo da linguagem. Da língua pertencente ao meio em que vivemos. Crescemos dentro da nossa família ouvindo nossos pais. Nosso pensamento, a forma de entendermos as coisas, o mundo, tudo começa, então, a ter sentido pelas palavras, pela linguagem. Construímos, na consciência, uma espécie de "biblioteca" onde depositamos tudo o que é ouvido e entendido. Guardamos idéias, significados, palavras e, com essa "base de dados", nos expressamos e criamos novos sentidos. É como se selecionássemos - pegando na prateleira da biblioteca - palavra por palavra, criando e recriando estruturas de entendimento para a comunicação.

Por que falamos? Por que o homem, diferente dos outros animais, fala? Por que somente nós temos essa faculdade e, até onde se sabe, já impressa em nossa consciência? Poucas pessoas, acredito, têm parado para analisar essas questões. Pesquisas e trabalhos realizados nesse sentido procuram, ainda, respostas precisas para a pergunta "por que o homem fala". Levando-se em conta tais pesquisas, percebemos que, em um determinado momento da humanidade, o homem passou a falar. É interessante pensar nessas questões, porque nos perguntamos a partir de quê ou do quê o homem descobriu que possuía, além de outras, a faculdade da linguagem.

Não temos relatos, se é que eles existem, que nos forneçam dados sobre quando o homem começou a falar. Simplesmente falamos. Ao acompanharmos o crescimento de uma criança, notamos como a necessidade de falar é presente na vida humana... O quanto falar faz de nós parte do mundo...! Algumas pesquisas nessa área mostram que, no caso da criança, a primeira palavra murmurada já representa seu ingresso no universo da linguagem e o abandono do estado da natureza. Assim, pode-se dizer que é a linguagem que possibilita a tomada de consciência do indivíduo como entidade distinta. Outra questão que intriga o pensamento e os mistérios da vida é por que falar, viver em sociedade com seres falantes, é quase uma necessidade de sobrevivência. Imaginemos, eu, você, todos nós, sem nos comunicar, sem trocar uma palavra sequer com qualquer pessoa que seja durante toda a vida? Provavelmente morreríamos de angústia...De solidão.

Para a Professora Ana Lúcia C. R. Novelli, autora que trata dessas questões, "a língua são os primeiros traços de identificação da humanidade no homem. Ao se perceber como habitante da linguagem, o homem rompe com o estado inicial da natureza, na qual estão inseridos os animais e os próprios homens ao nascerem, e ingressa no estado de cultura resultante da organização social e do partilhamento da vida em comum". Segundo essa autora, o homem difere dos animais a partir do momento em que percebe a necessidade do uso da linguagem. Na linguagem e pela linguagem é que "o homem vai se constituir como sujeito. É desta forma que a linguagem, ao viabilizar a relação das pessoas, vai permitir o retorno sobre si como individualidade distinta possibilitando, então, a comunicação inter-humana". Ou, ainda, "é exatamente em torno da linguagem que o pensamento, a consciência e a reflexão se articulam e possibilitam a organização do mundo pelos homens que, por *isso, se tornam capazes de estabelecer uma relação de autonomia e a sua própria vivência nesse mundo organizado".*

(Luciana Arruda. http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=199&rv=
Literatura. Acessado em 14/08/2008. Adaptado).

10 - (UPE)

A seleção das palavras com que os textos são construídos representa um fator da maior relevância para os efeitos de sentido que se pretende expressar. Analisemos algumas das escolhas feitas no Texto e, a esse propósito, a função pretendida para essas escolhas.

I. Nos trechos: “estamos mergulhados no mundo da linguagem”; “[o homem] Ao se perceber como habitante da linguagem”, o autor recorreu a construções metafóricas, na suposição de que o leitor as vai interpretar como tais, quer dizer, simbolicamente.

II. Quando o autor diz que “é a linguagem que possibilita a tomada de consciência do indivíduo como entidade distinta”, está referindo-se à consciência do indivíduo como ser singular, particular, diferente de todos os outros.

III. Em: "a língua são os primeiros traços de identificação da humanidade no homem”, o autor recorre a uma significação menos estilizada, graças ao sentido literal da expressão sublinhada. Na verdade, a natureza argumentativa do texto não favorece o uso da linguagem simbólica.

IV. Em: “[pela linguagem] nos expressamos e criamos novos sentidos”, as duas palavras destacadas remetem para a multifuncionalidade da linguagem; quer dizer, a linguagem não é, apenas, um repertório *pronto, à disposição dos falantes.*

V. No trecho: “no caso da criança, a primeira palavra murmurada já representa seu ingresso no universo da linguagem”, mantém-se a representação figurada da linguagem como um espaço a que o homem vai tendo acesso desde muito cedo.

São CORRETAS **apenas** as afirmações apresentadas em:

a) I, II e III.

b) I, II, IV e V.

c) I, II e V.

d) III e V.

e) III e IV.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 11

"Um comediante popular, como Tom Cavalcante, costuma dizer que a diferença está no uso da voz, não na idade da piada." (ref. 16–18)

11 - (UEPB)

Analise as proposições e marque a alternativa que apresenta a(s) correta(s).

I. O artigo indefinido usado em "Um comediante" assume no contexto função semântica valorativa.

II. O termo "**não**", no enunciado, foi usado como formador de sentido e funciona como recurso argumentativo.

III. O termo "**como**", no enunciado, foi usado para produzir um efeito de relação conformativa.

a) III apenas

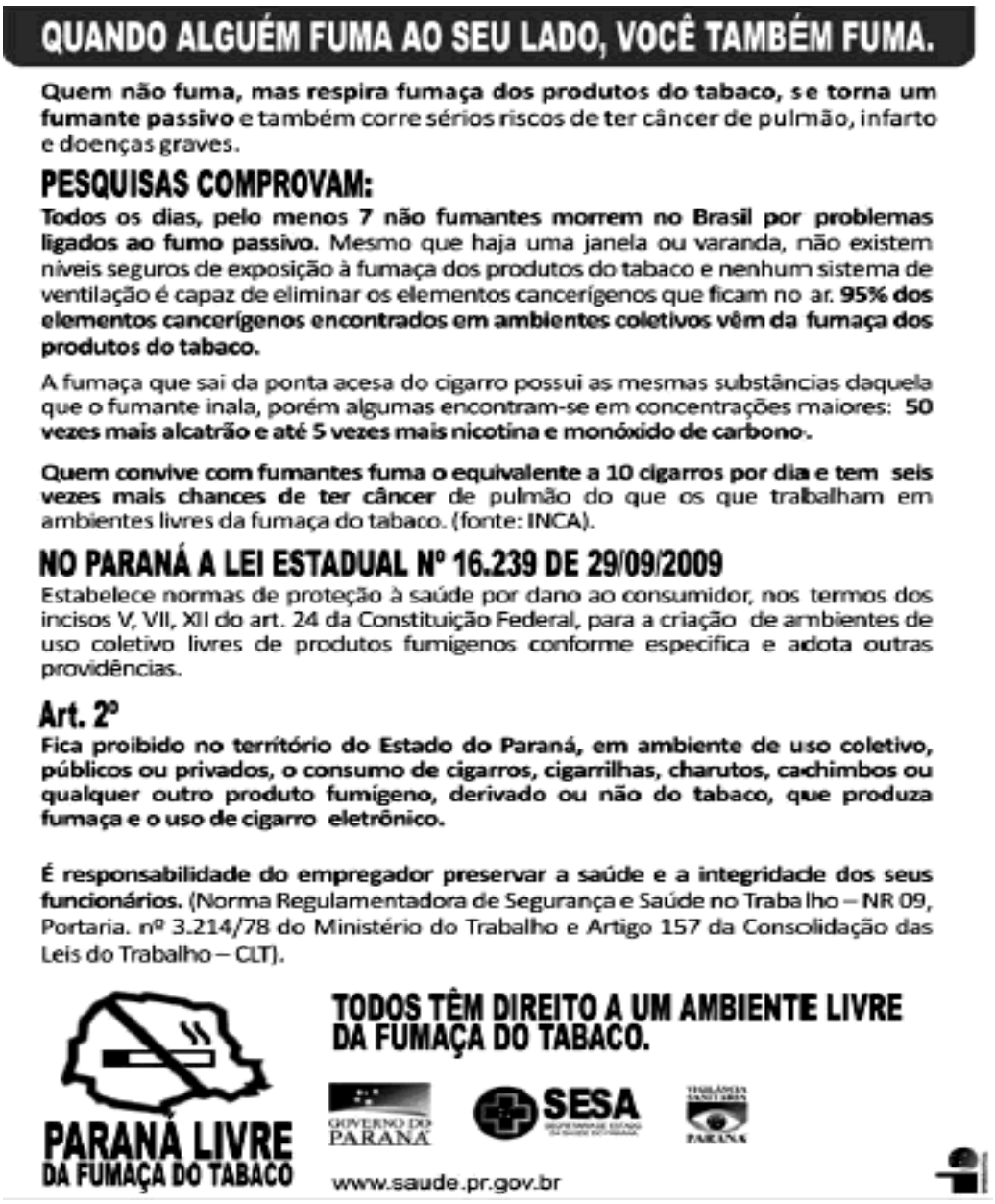
b) I e II

c) I e III

d) II e III

e) II apenas

TEXTO: 9 - Comum à questão: 12



QUANDO ALGUÉM FUMA AO SEU LADO, VOCÊ TAMBÉM FUMA.

Quem não fuma, mas respira fumaça dos produtos do tabaco, se torna um fumante passivo e também corre sérios riscos de ter câncer de pulmão, infarto e doenças graves.

PESQUISAS COMPROVAM:

Todos os dias, pelo menos 7 não fumantes morrem no Brasil por problemas ligados ao fumo passivo. Mesmo que haja uma janela ou varanda, não existem níveis seguros de exposição à fumaça dos produtos do tabaco e nenhum sistema de ventilação é capaz de eliminar os elementos cancerígenos que ficam no ar. **95% dos elementos cancerígenos encontrados em ambientes coletivos vêm da fumaça dos produtos do tabaco.**

A fumaça que sai da ponta acesa do cigarro possui as mesmas substâncias daquela que o fumante inala, porém algumas encontram-se em concentrações maiores: **50 vezes mais alcatrão e até 5 vezes mais nicotina e monóxido de carbono.**

Quem convive com fumantes fuma o equivalente a 10 cigarros por dia e tem seis vezes mais chances de ter câncer de pulmão do que os que trabalham em ambientes livres da fumaça do tabaco. (fonte: INCA).

NO PARANÁ A LEI ESTADUAL Nº 16.239 DE 29/09/2009

Estabelece normas de proteção à saúde por dano ao consumidor, nos termos dos incisos V, VII, XII do art. 24 da Constituição Federal, para a criação de ambientes de uso coletivo livres de produtos fumígenos conforme especifica e adota outras providências.

Art. 2º

Fica proibido no território do Estado do Paraná, em ambiente de uso coletivo, públicos ou privados, o consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, que produza fumaça e o uso de cigarro eletrônico.

É responsabilidade do empregador preservar a saúde e a integridade dos seus funcionários. (Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho – NR 09, Portaria. nº 3.214/78 do Ministério do Trabalho e Artigo 157 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT).

PARANÁ LIVRE DA FUMAÇA DO TABACO

TODOS TÊM DIREITO A UM AMBIENTE LIVRE DA FUMAÇA DO TABACO.

GOVERNO DO PARANÁ SESA

www.saude.pr.gov.br

12 - (UEL PR)

Acerca do texto, assinale a alternativa correta.

a) O texto é dirigido a fumantes que insistem em manter seus hábitos tabagistas, apesar do rigor das regulamentações criadas para impedir ambientes livres da fumaça do cigarro.

b) O texto é dirigido a fumantes passivos, que são diferenciados dos não fumantes pela exposição dos primeiros à fumaça do cigarro e pela imunidade dos últimos ao vício.

c) O texto é dirigido a empregadores que desrespeitam ou desconhecem as novas leis que restringem o consumo de cigarros a ambientes de uso coletivo específicos para a prática do tabagismo.

d) O texto apresenta características do tipo argumentativo, uma vez que explora recursos como uso de discurso de autoridade, dados estatísticos, elementos de coesão, favorecendo a defesa de um ponto de vista.

e) O texto apresenta características do tipo descritivo, uma vez que expõe, passo a passo, problemas que podem ser causados pelo fumo, mesmo a fumantes passivos, utilizando recursos, como a escolha acentuada de adjetivos.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 13

A crueldade dos jovens

Conheci uma mulher cujo filho de 14 anos queria um par de tênis de marca. Separada, ganhava pouquíssimo como vendedora. Dia e noite o garoto a atormentava com a exigência. Acrescentou mais horas à sua carga horária para comprar os tênis. Exausta, ela presenteou o filho. Ganhou um beijo e outro pedido: agora ele queria uma camiseta “da hora”. E dali a alguns dias a mãe estava abrindo um crediário!

Já conheci um número incrível de adolescentes que estabelecem um verdadeiro cerco em torno dos pais para conquistar algum objeto de consumo. Pais e mães com frequência não conseguem resistir. Em parte, por desejarem contemplar o sorriso no rosto dos filhos. Uma senhora sempre diz:

— Quero que minha menina tenha o que eu não tive.

Mas isso não significa satisfazer todas as vontades! Muita gente é praticamente chantageada pelos filhos. A crueldade de um adolescente pode ser tremenda quando se trata de conseguir alguma coisa.

Já conheci uma garota cujo pai se endividou porque ela insistiu em ir à Disney. Os juros rolaram e, dois anos depois, ele vendeu a casa para comprar outra menor e quitar o empréstimo. Outro economizou centavos porque a menina quis fazer plástica. Conselhos não adiantaram:

— Você é muito nova para colocar implante de silicone.

Ficava uma fúria. Queria ser atriz e, segundo afirmava, não teria chance alguma caso não fizesse a intervenção. (Não conseguiu. Hoje trabalha como vendedora em uma loja.)

É óbvio que o jovem tem o direito de pedir, porém o que me assusta é a absoluta falta de freio, a insistência e a total incompreensão diante das dificuldades financeiras da família.

Recentemente, assisti a uma situação muito difícil. Mãe solteira, uma diarista conseguiu juntar, ao longo de anos, o suficiente para comprar uma quitinete no centro de São Paulo.

— Vou sair do aluguel! — comemorou.

A filha, 16 anos, recusou-se:

— Quero um quarto só para mim!

Não houve quem a convencesse. A mãe não conseguiu enfrentar a situação. Continuam no aluguel. O valor dos apartamentos subiu e agora o que ela tem não é suficiente para comprar mais nada.

A única solução é a sinceridade e a firmeza. Os pais devem deixar claro que ninguém é melhor por ter mais grana ou o último lançamento no mundo da informática. Pode ser doloroso no início, mas é necessário.

Também é importante não criar uma pessoa invejosa, que sofre por não ter o que os outros têm. Mas uma família pode se desestabilizar quando os pais se tornam reféns do pequeno tirano. A única saída para certas situações é o afeto. Quando o adolescente está se transformando em uma fera, talvez seja a hora de mostrar que nenhum objeto de consumo substitui uma conversa olho no olho e um abraço amoroso.

(Walcyr Carrasco, *Veja São Paulo*, 08.09.2010. Adaptado)

13 - (IFSP)

Dissertar é defender um ponto de vista por meio da apresentação de argumentos.

Pensando nisso, assinale a alternativa em que o trecho selecionado do texto é predominantemente dissertativo.

a) Separada, ganhava pouquíssimo como vendedora. Dia e noite o garoto a atormentava com a exigência.

b) Pais e mães com frequência não conseguem resistir. Em parte, por desejarem contemplar o sorriso no rosto dos filhos.

c) Já conheci uma garota cujo pai se endividou porque ela insistiu em ir à Disney.

d) Os juros rolaram e, dois anos depois, ele vendeu a casa para comprar outra menor e quitar o empréstimo.

e) Mãe solteira, uma doméstica conseguiu juntar, ao longo de anos, o suficiente para comprar uma quitinete no centro de São Paulo.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 14

Em sua conhecidíssima réplica a Feuerbach, Karl Marx lembrava que o fundamental não era mais explicar o mundo, mas transformá-lo. Agora, é preciso dizer que conhecer é o primeiro passo para mudar, para intervir, alterando o sentido dos acontecimentos; só assim é possível a construção de uma nova ordem política e uma nova ordem econômica voltadas para os interesses da maioria. O que queremos dizer, resgatando o conceito de práxis, é que os jovens que ocupam Wall Street estão realizando uma profunda reflexão sobre o sistema econômico de seu país e, ao mesmo tempo, oferecendo um caminho ao resto da humanidade. Esses jovens não são portadores de mudanças, mas podem criar as condições subjetivas para esse segundo tempo. (Roberto Amaral – Carta Capital – 28/11/2011/com adaptações)

14 - (UERN)

A argumentação textual tem por objetivo persuadir o leitor. Para tanto, vários procedimentos argumentativos são utilizados para que tal objetivo seja atingido. Em relação ao texto pode-se afirmar que

a) há uma relação de oposição entre as ideias de Karl Marx e a argumentação textual, assim, mesmo sendo contrárias, as ideias de Karl Marx contribuem na construção da argumentação.

b) a partir das ideias de Karl Marx, o autor justifica e constrói sua argumentação, partindo de um conhecimento empregado adequadamente em relação ao conteúdo do texto.

c) para o autor, a ação implica em maior importância sobre a teoria resultando em uma ruptura entre o conhecimento teórico e a prática.

d) conhecer para mudar é o mesmo que explicar para transformar, as mudanças só ocorrem mediante tais pressupostos.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 15

[01] Na cultura da chamada sociedade ocidental, a palavra razão originase [02] de duas fontes: a palavra latina ratio *e a palavra grega* logos*. [03] Essas duas palavras são substantivos derivados de dois verbos que [04] têm um sentido muito parecido em latim e em grego.*

[05] Logos *vem do verbo* legein*, que quer dizer: contar, reunir, juntar, [06] calcular.* Ratio *vem do verbo* reor*, que quer dizer: contar, reunir, medir, [07] juntar, separar, calcular.*

[08] Que fazemos quando medimos, juntamos, separamos, contamos e [09] calculamos? Pensamos de modo ordenado. E de que meios usamos [10] para essas ações? Usamos palavras (mesmo quando usamos números [11] estamos usando palavras, sobretudo os gregos e os romanos, que [12] usavam letras para indicar números).

[13] Por isso, logos*,* ratio *ou* **razão** *significam pensar e falar [14] ordenadamente, com medida e proporção, com clareza e de modo [15] compreensível para outros. Assim, na origem, razão é a capacidade [16] intelectual para pensar e exprimir-se correta e claramente, para [17] pensar e dizer as coisas tais como são. A razão é uma maneira [18] de organizar a realidade pela qual esta se torna compreensível. É, [19] também, a confiança de que podemos ordenar e organizar as coisas [20] porque são organizáveis, ordenáveis, compreensíveis nelas mesmas [21] e por elas mesmas, isto é, as próprias coisas são racionais.*

Marilena Chauí

15 - (Mackenzie SP)

Assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) Ao buscar as fontes do termo *razão*, a autora toma como recurso explicativo a referência à etimologia da palavra.

b) A autora busca dialogar com seu leitor, utilizando perguntas que direcionam o pensamento que ela procura construir em seu texto.

c) No texto, há um recurso de construção textual reconhecido como paralelismo, presente, por exemplo, em *com medida e proporção, com clareza e de modo compreensível para outros* (Refs. 14-15).

d) A linguagem predominante no texto é a conotativa, evidente, por exemplo, no uso destacado de metáforas e personificação.

e) A primeira frase do texto, *Na cultura da chamada sociedade ocidental* (Ref. 1), apresenta como função delimitar o domínio social a que a autora fará referência em suas reflexões.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 16

Leia os textos abaixo.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade, *Alguma Poesia*.
Ed. Pindorama, 1930.

16 - (PUC MG)

Assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) A repetição do segmento “tinha uma pedra” é assegurada na publicidade a partir da inserção de outros elementos que também incorporam o efeito de sentido da metáfora da pedra.

b) A repetição expressiva da conjunção *e* é um recurso discursivo por meio da qual se pretende evidenciar a adição constante e continuada de objetos que infestam a rua.

c) “E até cacos de vidro” é o verso que encerra o poema, por meio do qual se revela que a rua é perigosa e violenta.

d) O uso do verbo “ter” no lugar do verbo “haver”, no poema de Drummond, sugere a ideia de uma linguagem coloquial, próxima à linguagem do dia a dia, recurso discursivo utilizado também pelos textos publicitários.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 17

Prática cotidiana da intimidação

[1] Não faz muito tempo, vi dois meninos sendo [2] interpelados abruptamente pela polícia, não nas avenidas [3] movimentadas que trazem e levam a população [4] trabalhadora que mora nas periferias. Ao contrário, estava [5] sentada numa praça situada num elegante bairro dos [6] Jardins, e a cena, a despeito de ir se tornando corriqueira, [7] causou enorme incômodo. Gritos, pequenos empurrões, [8] o uso ostensivo de lanternas (em plena luz do dia) em [9] busca de um suposto objeto atirado na grama, a [10] obrigatoriedade de baixar os olhos… enfim, toda uma [11] engenharia da humilhação foi montada e bem ao lado [12] de gangorras e balanças. Para concluir o espetáculo, [13] três viaturas da polícia apareceram, com suas sirenes a [14] toda, e trataram de “liberar o local”.

[15] Diante dessas situações-limite é difícil reagir frente [16] à precariedade da cidadania de certos grupos ou da [17] segregação internalizada que nossos bairros mais [18] centrais carregam, silenciosamente. É nesses [19] momentos, quando a regra democrática é suspensa, [20] que nos sentimos, de alguma maneira, inconfortáveis [21] diante do que mais parece uma aberta demonstração [22] de cumplicidade. Sim, pois por mais que o ritual fosse [23] claramente violento, a saída de todos nós que ali [24] estávamos foi de um profundo e constrangedor silêncio, [25] inclusive desta que aqui escreve.

[26] A violência do outro dói, mas dói também o [27] reconhecimento da impotência e da aceitação desse [28] tipo de ato, que já se transformou em "natural". [29] O sentimento de culpa e de impotência nos assola e [30] levaria a uma reação caso não fôssemos pessoas [31] acostumadas, a longa data, a esse tipo de socialização.

[32] Construir sociedades plurais no lugar de defender [33] a homogeneidade; valorizar os espaços públicos em vez [34] de gradeá-los; ampliar espaços de encontro das [35] diferenças, em vez de inibi-los, são motivações [36] que fazem parte de uma agenda cidadã e republicana. [37] Não se constrói cidadania entre muros, com a [38] disseminação de políticas de medo e abrindo mão de [39] responsabilidades públicas.

[40] Assumir o lugar de atores sociais é, de alguma [41] maneira, opor-se a saídas teleológicas, que definem o [42] futuro como um lugar sempre redentor. Os desafios estão [43] no presente, o que implica propor alternativas, pressionar [44] o Estado e agir coletivamente.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Prática cotidiana da intimidação. Disponível em: <http://interessenacional.uol.com.br/index.php/ edicoesrevista/ a-culpa-e-sempre-dos-outros/ >. Acesso em: 5 nov. 2014.

17 - (UEFS BA)

Considerando-se a organização dos parágrafos que estruturam o texto, é correto afirmar:

a) O primeiro traz, como principal abordagem, a enumeração de situações em que alguns grupos sociais sofrem assédio moral.

b) O segundo, partindo de um contexto apresentado no primeiro, faz uma avaliação e análise sobre as reações apresentadas, inserindo-se a articulista como sujeito social também envolvido no processo.

c) O terceiro desenvolve-se a partir de uma contextualização, que serve como exemplo da análise apresentada pela voz autoral no parágrafo anterior.

d) O quarto enumera situações-problema que reforçam a prática cotidiana da intimidação por parte dos agentes públicos.

e) O último faz um resumo do que foi apresentado no primeiro, propondo que o interlocutor do texto reveja suas atitudes e lute pelos direitos daqueles que não têm condições de conquistá-los sem ajuda.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 18

[01] Hoje os conhecimentos se estruturam de [02] modo fragmentado, separado, [03] compartimentado nas disciplinas. Essa [04] situação impede uma visão global, uma visão [05] fundamental e uma visão complexa. [06] "Complexidade" vem da palavra latina [07] complexus , que significa a compreensão dos [08] elementos no seu conjunto.

[09] As disciplinas costumam excluir tudo o que [10] se encontra fora do seu campo de [11] especialização. A literatura, no entanto, é uma [12] área que se situa na inclusão de todas as [13] dimensões humanas. Nada do humano lhe é [14] estranho, estrangeiro.

[15] A literatura e o teatro são desenvolvidos [16] como meios de expressão, meios de [17] conhecimento, meios de compreensão da [18] complexidade humana. Assim, podemos ver o [19] primeiro modo de inclusão da literatura: a [20] inclusão da complexidade humana. E vamos [21] ver ainda outras inclusões: a inclusão da [22] personalidade humana, a inclusão da [23] subjetividade humana e, também, muito [24] importante, a inclusão do estrangeiro, do [25] marginalizado, do infeliz, de todos que [26] ignoramos e desprezamos na vida cotidiana.

[27] A inclusão da complexidade humana é [28] necessária porque recebemos uma visão [29] mutilada do humano. Essa visão, a de homo [30] sapiens , é uma definição do homem pela [31] razão; de homo faber , do homem como [32] trabalhador; de homo economicus , movido [33] por lucros econômicos. Em resumo, trata-se [34] de uma visão prosaica, mutilada, que esquece [35] o principal: a relação do sapiens/demens , da [36] razão com a demência, com a loucura.

[37] Na literatura, encontra-se a inclusão dos [38] problemas humanos mais terríveis, coisas [39] insuportáveis que nela se tornam suportáveis. [40] Harold Bloom escreve: "Todas as grandes [41] obras revelam a universalidade humana [42] através de destinos singulares, de situações [43] singulares, de épocas singulares". É essa a [44] razão por que as obras-primas atravessam [45] séculos, sociedades e nações.

[46] Agora chegamos à parte mais humana da [47] inclusão: a inclusão do outro para a [48] compreensão humana. A compreensão nos [49] torna mais generosos com relação ao outro, e [50] o criminoso não é unicamente mais visto [51] como criminoso, como o Raskolnikov de [52] Dostoievsky, como o Padrinho de Copolla.

[53] A literatura, o teatro e o cinema são os [54] melhores meios de compreensão e de [55] inclusão do outro. Mas a compreensão se [56] torna provisória, esquecemo-nos depois da [57] leitura, da peça e do filme. Então essa [58] compreensão é que deveria ser introduzida e [59] desenvolvida em nossa vida pessoal e social, [60] porque serviria para melhorar as relações [61] humanas, para melhorar a vida social.

Adaptado de: MORIN, Edgar. A inclusão: verdade da literatura.
In: RÖSING, Tânia et al. Edgar Morin: religando fronteiras.
Passo Fundo: UPF, 2004. p.13-18

18 - (UFRGS)

Considere as seguintes afirmações referentes às marcas de pessoa e de tempo no texto.

I. O emprego de primeira pessoa do plural, em referência exclusiva ao autor, produz um efeito de neutralidade.

II. O emprego do advérbio Hoje (Ref. 01) permite inferir que a argumentação proposta não é válida para todo e qualquer tempo.

III. O advérbio agora (Ref. 46) sinaliza a progressão dos argumentos apresentados no texto.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas I e II.

d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

TEXTO: 16 - Comum às questões: 19, 20

"O que você quer ser quando crescer?"

[1] *Toda criança ouve essa pergunta dezenas de vezes.* [2] *Quase sempre há uma resposta, dada por ela mesma* [3] *(bombeiro! piloto de fórmula 1! mágico! cantor!) ou pelos* [4] *zelosos paizinhos (médico! engenheiro! advogado!). Ao que* [5] *parece ninguém dá muita importância ao que se designa por* [6] *"vocação", do latim* vocare*, isto é, chamar: somos levados a* [7] *exercer uma profissão para a qual fomos chamados. Vinda* [8] *de fora ou de dentro de nós, essa "voz" nos leva a ser* [9] *professores, músicos, atores, malabaristas – e até médicos* [10] *e engenheiros, por que não? Essa voz atua com muita* [11] *força, mas muitos de nós acabam por se desviar dela.*

[12] *Há vocações irresistíveis, como a do renascentista* [13] *Michelangelo: diante da escultura recém-finalizada de* [14] *Moisés, bateu no joelho de mármore e gritou: –Fala!* [15] *Reconheceu, ali, a força viva da obra que criara e, com ela,* [16] *a de uma plena vocação. E há vocações macabras: o* [17] *fisiologista francês Antoine Louis, ao tempo da Revolução* [18] *Francesa, inventou a guilhotina; cientistas vocacionados e* [19] *bem-intencionados acabam inadvertidamente contribuindo* [20] *para a criação de armas de eliminação em massa, como a* [21] *bomba atômica, de catastrófica lembrança ao final da* [22] *II Guerra. São numerosas as vocações que não se* [23] *cumprem: Maquiavel podia ter sido um príncipe italiano, na* [24] *dividida Itália do século XVI, pois escreveu um tratado* [25] *clássico sobre essa figura poderosa, mas se limitou a ser* [26] *um escritor e diplomata. Por sua vez, Napoleão Bonaparte,* [27] *que leu e comentou Maquiavel, tinha fortes aspirações de* [28] *escritor. Entre nós, D. Pedro II parecia amar mais a* [29] *literatura do que o poder imperial: protegeu escritores ao* [30] *longo de seu reinado. Poeta, Manuel Bandeira confessava* [31] *ter preferido ser músico, e Carlos Drummond de Andrade* [32] *formou-se em Farmácia sem jamais exercer o ofício,* [33] *trabalhando como funcionário público e jornalista: seus* [34] *estudos farmacêuticos renderam-lhe tão-somente uma* [35] *referência aos álcoois, num de seus poemas. Na prosa,*[36] *Graciliano Ramos era um escritor tão vocacionado que até* [37] *seus relatórios administrativos de prefeito tornaram-se* [38] *documentos de valor literário.*

[39] *Décadas atrás, um jovem ingressante do ensino médio,* [40] *então chamado "curso colegial", decidia-se já pelas* [41] *humanidades (o "Clássico"), pelas exatas (o "Científico") ou* [42] *pela pedagogia (o "Normal"). No atual sistema de seleção* [43] *do vestibular, pretende-se quase sempre que o aluno tenha* [44] *noções básicas de todas as disciplinas. De Pitágoras e* [45] *Sócrates a Darwin e a Einstein, dos tempos homéricos à* [46] *fissão nuclear, o vestibulando de hoje enfrentará uma* [47] *espécie de radiografia fundamental do saber e da história* [48] *dos homens de todas as épocas.*

[49] *A modernidade trouxe consigo uma multiplicação* [50] *extraordinária de profissões e ocupações possíveis.* [51] *Somente na área da Informática, o jovem tem diante de si* [52] *desde a programação de* softwares *e* hardwares *até a* [53] *criação de* blogs*, da publicidade digital à manifestação* [54] *política nas redes sociais. A parafernália eletrônica continua* [55] *em expansão: quem saberá dizer quais próximos passos* [56] *determinarão quais novas especialidades?*

[57] *O que não se pode esquecer é que o atendimento a uma* [58] *vocação – seja ela qual for – é praticamente uma garantia* [59] *de realização pessoal. Descontadas as condições indignas* [60] *em que um trabalho se dê – caso da escravatura, da* [61] *exploração de mão de obra barata, das atividades* [62] *insalubres etc. – toda atividade pode ser intrinsecamente* [63] *gratificante. Há o pequeno lavrador que*

ama a terra, o [64] funcionário que esbanja sociabilidade em sua função, o [65] motorista zeloso e amigo dos passageiros. Se o executivo [66] se embebeda em casa para esquecer a ambição que o faz [67] infeliz no escritório, estará ele atendendo a alguma [68] vocação? E o palhaço do circo pobre, lutando contra todas [69] as dificuldades, não pode refletir em si mesmo a alegria que [70] distribui?

[71] Vocare*, chamar, chamamento: somos capazes de ouvir [72] bem essa voz supostamente instalada dentro de nós? [73] Concorrendo com ela, ou contra ela, há as vozes poderosas [74] do "mercado", essa entidade que acaba por reger tantas [75] vidas. Em vez da vocação, a "boa oportunidade", o "melhor [76] ganho": traça-se uma linha reta entre os pretendentes e [77] algum pote de dinheiro, e começa a corrida. Entre o químico [78] promissor e o laboratório surge a corrida da Bolsa; entre o [79] provável grande biólogo e os estudos genéticos de ponta [80] arma-se a promessa do dinheiro fácil das vendas; entre o [81] jovem violoncelista e as sonatas clássicas surge um cargo [82] burocrático insosso mas estável. E é de se perguntar: e os [83] políticos, quantos estarão cumprindo de fato a vocação [84] original de cuidar bem da* ***polis****, ou seja, dos interesses [85] públicos?*

[86] As vocações bem atendidas são mais que simples [87] realizações pessoais: são as células saudáveis que [88] constituem da melhor forma o melhor tecido social.

(Adalberto Cruz e Silva, inédito)

19 - (PUCCamp SP)

Toda criança ouve essa pergunta dezenas de vezes. Quase sempre há uma resposta, dada por ela mesma (bombeiro! piloto de fórmula 1! mágico! cantor!) ou pelos zelosos paizinhos (médico! engenheiro! advogado!). Ao que parece ninguém dá muita importância ao que se designa por "vocação", do latim vocare*, isto é, chamar: somos levados a exercer uma profissão para a qual fomos chamados. Vinda de fora ou de dentro de nós, essa "voz" nos leva a ser professores, músicos, atores, malabaristas – e até médicos e engenheiros, por que não?*

No fragmento acima,

a) a coesão estabelecida na frase inicial por meio da palavra *essa* exemplifica o uso do pronome que remete a elemento do texto citado posteriormente.

b) os parênteses, nas duas ocorrências, acolhem respostas que merecem, todas, a estima do autor, quer pela espontaneidade com que são ditas, quer por sua concordância com o pensamento dele, como o denotam os sinais de exclamação.

c) o emprego das expressões *Quase sempre* e *Ao que parece* denota que as ideias a que se associam representam pensamentos usuais, que não são partilhados pelo autor.

d) a indagação *por que não?* é motivada pela expectativa de recusa às citadas profissões, expectativa criada anteriormente no texto, em especial pelo emprego da expressão *zelosos paizinhos*.

e) o emprego das aspas em *"vocação"* e o uso do tipo gráfico diferente na palavra vocare sinalizam, respectivamente, o sentido da palavra em português e o seu sentido em latim.

20 - (PUCCamp SP)

Considere os parágrafos 5 e 6 e as afirmações abaixo.

I. O paralelo estabelecido, no parágrafo 5, entre *o executivo se embebeda em casa* e *o palhaço do circo pobre* constitui argumento a favor da ideia de que o atendimento a uma vocação pode levar a vivência de momentos pouco sedutores.

II. Na sequência (Refs. 77 a 82) em que as unidades são articuladas por meio da preposição *entre* e da conjunção *e*, em cada uma delas exprime-se o contraste entre a possibilidade oferecida pela vocação e o cumprimento das promessas do mercado.

III. Na construção *há as vozes poderosas do "mercado", essa entidade que acaba por reger tantas vidas*, tem-se exemplo do seguinte uso: "quando, expresso um nome, o autor quer tornar saliente um traço que o caracteriza, ele o introduz por meio do pronome **esse**".

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, II e III.

e) I, apenas.

TEXTO: 17 - Comum à questão: 21

O PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA

Marcos Rolim

[1] Você conhece Chimamanda Ngozi Adichie? Se não conhece, permita que eu a apresente. [2] Chimamanda (38 anos) é uma escritora nigeriana de excepcional qualidade. Seus trabalhos já [3] receberam traduções em mais de 30 idiomas e três dos seus romances (Americanah, Hibisco Roxo e [4] Meio Sol Amarelo) foram lançados no Brasil pela Companhia das Letras. Ela foi uma das [5] convidadas do projeto TED ideas worth spreading, uma iniciativa global de promoção de palestras [6] curtas, não mais que 18 minutos, com pessoas que realmente têm algo importante a dizer. Em 2009, [7] Chimamanda falou no TED sobre Os perigos de uma única história.

[8] O que ela conta é que, ainda criança, lia muitas histórias britânicas e americanas. Por isso, seus [9] textos infantis eram povoados por personagens loiras, que comiam maçãs, brincavam na neve e que [10] se alegravam quando o sol aparecia. Assim, apesar de viver na Nigéria, um lugar onde as pessoas [11] são quase todas negras como ela, onde se come manga e não há surpresas com o sol, os livros [12] haviam produzido uma realidade imaginária na criança, mais forte que seu próprio mundo. [13] Chimamanda conclui que isto demonstra o quanto somos vulneráveis a uma história.

[14] Quando ela encontrou os primeiros romances africanos, percebeu que pessoas com a pele cor [15] de chocolate e com cabelos que não permitiam formar rabos-de-cavalo também poderiam ser [16] personagens literários. Os autores africanos, diz ela, a salvaram de ter uma única história sobre a [17] literatura. Chimamanda conta que nasceu em uma família de classe média e que havia uma [18] empregada doméstica na casa de seus pais. E também um menino de nome Fide, o filho da [19] empregada. Só o que lhe disseram sobre Fide é que ele era muito pobre e que era preciso mandar [20] roupas e alimentos para sua família.

[21] Aos oito anos, Chimamanda acompanhou sua mãe em uma visita à aldeia próxima onde Fide [22] morava. Então, a mãe do menino mostrou uma linda peça de artesanato, feita pelo irmão de Fide. O [23] fato impressionou Chimamanda, porque ela nunca poderia imaginar que alguém em uma família [24] tão pobre pudesse criar algo. A única história que havia ouvido a respeito deles a impedia

de vê-los [25] para além da pobreza. Aos 19 anos, ela voltou a pensar sobre isso quando foi estudar nos EUA. A [26] colega de quarto dela, uma americana, ficou chocada quando percebeu que Chimamanda tinha um [27] inglês perfeito e quis saber onde ela tinha aprendido. A moça ficou surpresa ao ser informada que o [28] inglês é o idioma oficial da Nigéria. Então, perguntou se Chimamanda poderia lhe mostrar uma [29] "música tribal", ficando desapontada quando ela disse que curtia Mariah Carey. A americana [30] também presumiu que Chimamanda não saberia como usar o fogão. Antes de conhecê-la, ela sentia [31] pena da "pobre nigeriana", porque tinha uma única história sobre a África. Nesta única história, não [32] havia a possibilidade de uma africana ser, em muitas coisas, bem parecida com uma americana.

[33] A palestra é genial e espero ter despertado sua curiosidade para assisti-la. O tema se presta a [34] uma reflexão sobre a realidade brasileira. Até que ponto não estamos todos superlotados de histórias [35] únicas? Até que ponto a dignidade das pessoas não tem sido subtraída pela repetição insistente de [36] estereótipos? Pensem, por exemplo, nos contenciosos políticos em curso e nos seus principais [37] protagonistas. Quantas histórias temos de cada um deles? Quantas, além da única que nos [38] contaram? Agora lancem um olhar sobre grupos humanos específicos como, por exemplo, os [39] nordestinos, ou os presos, ou os homossexuais, ou os índios. Quantas são as histórias que nos foram [40] contadas sobre eles? Não seriam as pessoas destes grupos tão diferentes entre si quanto são todas as [41] demais não inseridas em grupo algum? Os significados que portamos a respeito destes e de outros [42] grupos não são exatamente aqueles que nos têm sido oferecidos pela mídia? Não seria esta a forma [43] mais efetiva e radical do exercício do poder nas sociedades contemporâneas? Regrar o mundo de [44] acordo com o que penso dele, de tal forma que os demais imaginem que as noções que [45] compartilham são de fato suas e não exatamente aquelas que eu produzi. Não seria este, afinal, o [46] crime perfeito?

21 - (UNISC RS)

Em **superlotados de histórias únicas** (Refs. 34 e 35),

(12) percebemos um emprego metafórico da linguagem.

(09) existe a possibilidade de substituição por **sufocados por histórias únicas**, sem prejuízo ao sentido.

(10) **superlotados** pode ser substituído por **povoados** sem alteração no sentido original.

(08) a expressão **histórias únicas** pode ser representada, com a mesma força discursiva, por **verdades anacrônicas**.

A resposta correta produz o seguinte resultado pela soma dos itens:

a) 29.

b) 27.

c) 19.

d) 21.

e) 18.

TEXTO: 18 - Comum à questão: 22

[1] A própria menina se prende muito a ele, que [2] ainda lhe trouxe a última boneca, embora agora [3] ela se ponha mocinha: encolhe-se na poltrona da [4] sala sob a luz do abajur e lê a revista de [5] quadrinhos. Ele é alemão como o dono da casa. [6] Tem apartamento no hotel da praia e joga tênis [7] no clube, saltando com energia para dentro do [8] campo, a raquete na mão. Assiste às partidas [9] girando no copo de uísque os cubos de gelo. É o [10] amigo da casa. Depois do jantar, passeia com a [11] mãe da menina pelo caminho de pedra do [12] jardim: as duas cabeças – a loira e a preta de [13] cabelos aparados – vão e vêm, a dele já com [14] entradas da calva. Ele chupa o cachimbo de [15] fumo cheiroso, que o moço de bordo vai deixar [16] no escritório.

[17] O dono da casa é Seu Feldmann. Dirige o seu [18] pequeno automóvel e é muito delicado. [19] Cumprimenta sempre todos os vizinhos, até [20] mesmo os mais canalhas como Seu Deca, fiscal [21] da Alfândega.

[22] Seu Feldmann cumprimenta. Bate com a [23] cabeça. Compra marcos a bordo e no banco para [24] a sua viagem regular à Alemanha. Viaja em [25] companhia do comandante do cargueiro, em [26] camarote especial. Então respira o ar marítimo [27] no alto do convés, os braços muito brancos e [28] descarnados, na camisa leve de mangas curtas.

[29] A fortuna de origem é da mulher: as velhas [30] casas no centro da cidade, os antigos armazéns, [31] o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos [32] em companhia do outro, que é o amigo da casa, [33] e da menina.

[34] Saem os dois à noite e ele para o seu próprio [35] automóvel sob os coqueiros na praia. Decerto [36] brigaram mais uma vez, porque ela volta para [37] casa de olhos vermelhos, enrolando nos dedos o

[38] lencinho bordado. Recolhe-se a seu quarto (ela e [39] seu Feldmann dormem em quartos separados). [40] Trila o apito do guarda. Os faróis do automóvel [41] na rua pincelam de luz as paredes, tiram reflexo [42] do espelho. Ela permanece insone: o vidro de [43] sua janela é um retângulo de luz na noite.

(Moreira Campos. In Obra Completa – contos II. 1969. p. 120-122. Originalmente publicado na obra O puxador de terço. Texto adaptado.)

22 - (UECE)

Atente ao trecho recortado do conto e marque a opção correta: “A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa, e da menina” (Refs. 29-33).

a) Reescrito da seguinte maneira, isto é, eliminando-se a vírgula que vem depois do vocábulo “casa”, o trecho não teria o mesmo sentido: A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa e da menina.

b) As duas orações seguintes: “de onde ela desce aos domingos em companhia do outro” e “Que é o amigo da casa, e da menina” restringem o sentido de “o sítio da serra” e de “o outro”.

c) O enunciado “A fortuna de origem é da mulher” tem o mesmo significado e as mesmas conotações deste outro enunciado: A origem da fortuna é a mulher.

d) Incorreria em erro (pelos parâmetros da Gramática Normativa) a pessoa que pusesse uma vírgula depois de “domingos”, em “o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos, em companhia do outro”.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 23

A garagem de casa

[1] Com o portão enguiçado, e num [2] convite a ladrões de livros, a garagem de casa

[3] lembra uma biblioteca pública [4] permanentemente aberta para a rua. Mas não [5] são adeptos de literatura os indivíduos que ali [6] se abrigam da chuva ou do sol a pino de [7] verão. Esses desocupados matam o tempo [8] jogando porrinha, ou lendo os jornais velhos [9] que mamãe amontoa num canto, sentados [10] nos degraus do escadote com que ela alcança [11] as prateleiras altas. Já quando fazem o [12] obséquio de me liberar o espaço, de tempos [13] em tempos entro para olhar as estantes onde [14] há de tudo um pouco, em boa parte remessas [15] de editores estrangeiros que têm apreço pelo [16] meu pai. Num reduto de literatura tão sortida, [17] como bem sabem os habitués de sebos, [18] fascina a perspectiva de por puro acaso dar [19] com um livro bom. Ou *by serendipity*, como [20] dizem os ingleses quando na caça a um [21] tesouro se tem a felicidade de deparar com [22] outro bem, mais precioso ainda. Hoje revejo [23] na mesma prateleira velhos conhecidos, [24] algumas dezenas de livros turcos, ou búlgaros [25] ou húngaros, que papai é capaz de um dia [26] querer destrinchar. Também continua em [27] evidência o livro do poeta romeno Eminescu, [28] que papai ao menos tentou ler, como é fácil [29] inferir das folhas cortadas a espátula. Há uma [30] edição em alfabeto árabe das Mil e Uma [31] Noites que ele não leu, mas cujas ilustrações [32] admirou longamente, como denunciam os [33] filetes de cinzas na junção das suas páginas [34] coloridas. Hoje tenho experiência para saber [35] quantas vezes meu pai leu um mesmo livro, [36] posso quase medir quantos minutos ele se [37] deteve em cada página. E não costumo perder [38] tempo com livros que ele nem sequer abriu, [39] entre os quais uns poucos eleitos que mamãe [40] teve o capricho de empilhar numa ponta de [41] prateleira, confiando numa futura redenção. [42] Muitas vezes a vi de manhãzinha [43] compadecida dos livros estatelados no [44] escritório, com especial carinho pelos que [45] trazem a foto do autor na capa e que papai [46] despreza: parece disco de cantor de rádio.

(Chico Buarque. *O irmão alemão*. 1 ed. São Paulo. Companhia das letras. 2014. p. 60-61. Texto adaptado com o acréscimo do título.)

A obra *O irmão alemão*, último livro de Chico Buarque de Holanda, tem como móvel da narrativa a existência de um desconhecido irmão alemão, fruto de uma aventura amorosa que o pai dele, Sérgio Buarque de Holanda, tivera com uma alemã, lá pelo final da década de 30 do século passado. Exatamente quando Hitler ascende ao poder na Alemanha. Esse fato é real: o jornalista, historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, na época, solteiro, deixou esse filho na Alemanha. Na família, no entanto, não se falava no assunto. Chico teve, por acaso, conhecimento dessa aventura do pai em uma reunião na casa de Manuel Bandeira, por comentário feito pelo próprio Bandeira.

Foi em torno da pretensa busca desse pretenso irmão que Chico Buarque desenvolveu sua narrativa ficcional, o seu romance.

Sobre a obra, diz Fernando de Barros e Silva: “o que o leitor tem em mãos [...] não é um relato histórico. Realidade e ficção estão aqui entranhadas numa narrativa que embaralha sem cessar memória biográfica e ficção”.

23 - (UECE)

O texto começa com o enunciado – “Com o portão enguiçado, e num convite a ladrões de livros, a garagem de casa lembra uma biblioteca pública permanentemente aberta para a rua” (Refs. 1-4). Escolha a opção **INCORRETA** em relação a esse enunciado.

a) Esse enunciado estabelece uma relação de semelhança entre garagem de casa e biblioteca pública.

b) Nessa relação, garagem de casa é o elemento comparado e biblioteca pública é o elemento comparante.

c) O que permite a comparação é a presença de traços de significação comuns aos dois elementos, no caso do texto, a porta aberta para a rua.

d) Na comparação do texto, como em qualquer comparação, o termo comparante é menos expressivo do que o termo comparado.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 24

Entre o espaço público e o privado

[01] Excluídos da sociedade, os moradores de rua [02] ressignificam o único espaço que lhes foi permitido [03] ocupar, o espaço público, transformando-o em [04] seu “lugar”, um espaço privado. Espalhados pelos [05] ambientes coletivos da cidade, fazendo comida no [06] asfalto, arrumando suas camas, limpando as calçadas [07] como se estivessem dentro de uma casa: assim vivem [08] os moradores de rua. Ao andar pelas ruas de São [09] Paulo, vemos essas pessoas dormindo nas calçadas, [10] passando por situações constrangedoras, pedindo [11] esmolas para sobreviver. Essa é a realidade das [12] pessoas que fazem da rua sua casa e nela constroem [13] sua intimidade. Assim, a ideia de individualização que [14] está nas casas, na separação das coisas por cômodos [15] e quartos

que servem para proteger a intimidade do [16] indivíduo, ganha outro sentido. O viver nas ruas, um [17] lugar aparentemente inabitável, tem sua própria lógica [18] de funcionamento, que vai além das possibilidades.

[19] A relação que o homem estabelece com o [20] espaço que ocupa é uma das mais importantes para [21] sua sobrevivência. As mudanças de comportamento [22] social foram sempre precedidas de mudanças físicas [23] de local. Por mais que a rua não seja um local para [24] viver, já que se trata de um ambiente público, de [25] passagem e não de permanência, ela acaba sendo, [26] senão única, a mais viável opção. Alguns pensadores [27] já apontam que a habitação é um ponto base e [28] adquire uma importância para harmonizar a vida. [29] O pensador Norberto Elias comenta que "o quarto [30] de dormir tornou-se uma das áreas mais privadas [31] e íntimas da vida humana. Suas paredes visíveis [32] e invisíveis vedam os aspectos mais 'privados', [33] 'íntimos', irrepreensivelmente 'animais' da nossa [34] existência à vista de outras pessoas".

[35] O modo como essas pessoas constituem o único [36] espaço que lhes foi permitido indica que conseguiram [37] transformá-lo em "seu lugar", que aproximaram, cada [38] um à sua maneira, dois mundos nos quais estamos [39] inseridos: o público e o privado.

RODRIGUES, Robson. *Moradores de uma terra sem dono*. (fragmento adaptado) In: http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ ESSO/edicoes/32/artigo194186-4.asp. Acesso em 21/8/2014.

24 - (PUC RS)

Analise as afirmações a seguir sobre a organização das ideias no texto, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

( ) A sequência descritiva do primeiro parágrafo confere concretude às ideias apresentadas.

( ) Há uma relação de oposição entre as duas últimas frases do primeiro parágrafo.

( ) O segundo parágrafo discorre sobre as causas da situação, apresentando argumentos baseados em dados históricos.

( ) A última frase do texto reforça o ponto de vista do autor e propõe uma solução para o problema discutido.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

a) V – F – V – F

b) V – F – F – F

c) F – F – F – V

d) V – V – V – F

e) F – V – F – V

TEXTO: 21 - Comum à questão: 25

[01] Das opções políticas à escolha do creme que se [02] usa no rosto, as decisões que tomamos agora parecem [03] carregadas de implicações morais. Temos, desde os [04] gregos, quase trinta séculos de pensamento sobre ética. [05] E, se isso nem de longe resolve problemas que vão da [06] organização familiar à pesquisa científica, não é apenas [07] porque hoje há dilemas com os quais não se sonhava [08] em Atenas: todo sistema moral sempre será insuficiente [09] perante a realidade. Hoje, quando a filosofia é uma disciplina [10] acadêmica, perdemos a ideia de completude que [11] ela representava no mundo pagão antigo. Em Pursuits [12] of Wisdom, um belo panorama do pensamento ético da [13] antiguidade, John Cooper, da Universidade Princeton, [14] lembra que, entre os gregos, a filosofia era antes de [15] tudo um modo de vida, um guia para a virtude e a felicidade. [16] E, que lindo, não se concebia que pudesse haver [17] felicidade sem virtude. (...) Na filosofia moderna, o foco [18] especializado dos pensadores da ética saiu do sujeito e [19] de suas virtudes (ou falta delas) para se focar em ações: [20] é certo ou errado comer carne, ou usar o carro para ir [21] ao trabalho todo dia? Mas a sabedoria fundamental – no [22] sentido mais substantivo desse adjetivo – da filosofia [23] grega é incontornável. Marco Zingano, professor do [24] Departamento de Filosofia da USP, lembra que a ética [25] das virtudes, proposta sobretudo por Aristóteles, tem [26] uma relevância especial hoje: "Uma ideia cara à ética [27] das virtudes é que as decisões devem ser tomadas em [28] função das circunstâncias, a partir de uma certa sensibilidade [29] moral." Nessa concepção, somos, cada um de nós, [30] agentes morais: todas as decisões éticas são tomadas [31] em primeira pessoa, e é inadmissível que a voz de um [32] agente moral seja usurpada.

Veja, dezembro de 2013, edição 2353 (adaptado).

25 - (PUC RS)

A relação entre o exemplo e o recurso argumentativo empregado no texto está correta em:

a) “Das opções políticas à escolha do creme que se usa no rosto, as decisões que tomamos agora parecem carregadas de implicações morais.” (Refs. 01 a 03) – Ironia

b) “E, se isso nem de longe resolve problemas que vão da organização familiar à pesquisa científica, não é apenas porque hoje há dilemas com os quais não se sonhava em Atenas: todo sistema moral sempre será insuficiente perante a realidade” (Refs. 05 a 09) – Raciocínio lógico

c) “Hoje, quando a filosofia é uma disciplina acadêmica, perdemos a ideia de completude que ela representava no mundo pagão antigo.” (Refs. 09 a 11) – Gradação

d) “a filosofia era antes de tudo um modo de vida, um guia para a virtude e a felicidade” (Refs. 14 a 16) – Refutação

e) “e, que lindo, não se concebia que pudesse haver felicidade sem virtude” (Refs. 16 e 17) – Ilustração hipotética

TEXTO: 22 - Comum à questão: 26

Quem é o sujeito?

Os passos do copiloto do avião da Germanwings que caiu na semana passada continuam a ser rastreados pelos poderes do mundo. Já que ele não apresenta o perfil do terrorista, não pertence a nenhuma organização, e ninguém reivindica a ação, supõe-se que suas motivações sejam de ordem pessoal, íntima, secreta, que a psicologia tentaria explicar.

(...)

Tecnicamente, Lubitz é o terrorista pelo avesso: surpreendendo o resto da tripulação, teria se aproveitado das circunstâncias para ocupar o lugar onde o terrorista não pode estar, a cabine blindada por dentro justamente para impedir a entrada do eventual invasor em tempos pós-11 de Setembro. Psicologicamente, tenta-se enquadrá-lo na tipologia da depressão, nome novo para a mais antiga e indomável das doenças da alma, a melancolia, que esgarça todos os laços da pessoa com a vida. Mas achar um nome, novo ou antigo, não resolve a questão, dado que a melancolia foi desde sempre um enigma tanto para a religião como para a medicina. Até o século XVII, por exemplo, acreditava-se que a enfermidade era causada por uma hipotética bile negra secretada pelo organismo, em algum lugar do corpo que a anatomia moderna nunca encontrou.

O que faz então esse silencioso terrorista da alma decidir-se a decolar para a mais definitiva carreira solo, levando todo o mundo com ele? (...)

Por coincidência ou não, eu estava lendo esses dias o texto de Giorgio Agamben chamado "O que é um dispositivo?". A ideia vem de Michel Foucault. Chama-se dispositivo qualquer coisa capaz de intervir sobre outras, capturando-as, modelando-as, determinando-as, direcionando-as, de modo a modificar "os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes". Em suma, dispositivo é tudo o que exerce poder, da menor à maior escala: palavras, máquinas, fábricas, escolas, leis, imagens, armas, roupas, religiões, carros, bebidas, bolas de futebol, drogas, arte, prisões, o iPhone, o silicone, o dinheiro, o sexo, a mídia, os meios de enfrentar o mosquito e, no limite, o mosquito. Os seres viventes estão (estamos) permanentemente sujeitos ao poder dos dispositivos, e é nisso que se constituem (nos constituímos) como sujeitos.

Segundo Agamben, a fase extrema do desenvolvimento capitalista promoveu "uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos". Não há instante em que não estejamos sendo modelados ou modelando, contaminados ou contaminando, controlados ou controlando algum dispositivo, além de interpelados a brincar de consumir dispositivos-bugigangas. O bombardeio dessa massa de dispositivos não corresponde mais, ou somente, à sua antiga função de produzir sujeitos responsáveis e governáveis. Em meio ao fogo cruzado o ser vivente passa por processos de subjetivação e processos de dessubjetivação que "parecem tornar-se reciprocamente indiferentes" e que "não dão lugar à recomposição de um novo sujeito" senão de maneira espectral.

Voltemos ao voo. O avião tornou-se em nossa civilização o superdispositivo que paira sobre todos os outros como máquina perfeita suspensa sobre o fio de navalha da morte. Deixado sozinho na cabine de comando, o subpiloto tomou para si o dispositivo guarnecido contra terroristas, pondo-o em rota de aniquilação. Chama a atenção que não tenha dito ou escrito uma palavra, nem antes nem durante nem para depois. E que tenha confundido e indiferenciado solenemente o seu desígnio com o de todos que estavam (ou estamos) no mesmo barco terreno e celeste. Enquanto os dispositivos mundiais de controle tentam entender inutilmente quem é esse sujeito, o seu silêncio exterminador talvez esteja falando de um tremendo processo de dessubjetivação que se dá no choque entre os viventes e os mecanismos de controle onipresentes, para os quais, diz Agamben, "nada se assemelha melhor ao terrorista do que o homem comum". No acidente da Germanwings, de fato, como nas piores fantasias dos controladores de todos os dispositivos, é o homem comum que transparece como uma espécie de terrorista.

(Adaptado: **José Miguel Wisnik** em http://oglobo.globo.com/cultura/quem-o-sujeito-15775842?topico=topicojose-miguel-wisnik)

26 - (IBMEC SP)

Para responder à pergunta anunciada no título, o autor desenvolve, no penúltimo parágrafo, uma estrutura argumentativa que nos permite chegar a uma conclusão de caráter geral. Considerando as ideias expostas nesse parágrafo, é correto afirmar que o autor emprega um método argumentativo chamado de

a) dedução

b) indução

c) dialética

d) sofisma

e) analogia

GABARITO:

1) Gab: D

2) Gab: B

3) Gab: A

4) Gab: A

5) Gab: D

6) Gab: B

7) Gab: B

8) Gab: B

9) Gab: A

10) Gab: B

11) Gab: E

12) Gab: D

13) Gab: B

14) Gab: B

15) Gab: D

16) Gab: C

17) Gab: B

18) Gab: D

19) Gab: D

20) Gab: A

21) Gab: A

22) Gab: A

23) Gab: D

24) Gab: B

25) Gab: B

26) Gab: B